



Misereor-Hungertuch aus Indien
von Jyoti Sahi
© MVG Medienproduktion, Aachen, 1984



“A imagem da luz”

A pintura reproduzida neste dossiê é uma obra de Jyoti Sahi, criada em 1984 para uma campanha da Misereor. É reproduzida aqui com autorização da Misereor, porque as temáticas apresentadas pelo pintor nos parecem particularmente pertinentes ao dossiê.

Descrição da pintura

- ① **Lázaro em pé, diante de sua sepultura.** A sepultura é representada por um mausoléu indiano muçulmano. As raízes do *ficus religiosa*, árvore considerada sagrada na Índia, estão engastadas nas paredes do mausoléu.
- ② **Maria, a irmã de Lázaro.** Ela é apresentada no interior de uma lágrima em forma de amêndoa.
- ③ **O ficus índica.** Os hindus consideram-no como árvore sagrada da vida.
- ④ **Grupo de trabalhadores migrantes e de intocáveis.** Enquanto procuram trabalho nas cidades, constroem suas cabanas em cemitérios, terrenos “proibidos”, porque não há outro lugar para morar.
- ⑤ **O cego de nascença.** Ele se ajoelha na ampla margem do curso d’água e estende as mãos adiante, em sinal de súplica: é cego e, sendo um intocável, está duplamente em desvantagem.
- ⑥ **Cristo.** É o revelador de Deus e o mediador entre Deus e a humanidade, o transfigurado e o servo de Deus.
- ⑦ **Moisés.** Representa, com sua veste cor de açafraão, um hindu sábio (um Sannjasin).
- ⑧ **O esqueleto.** Representa Adão, através do qual o pecado começou a fazer parte do mundo, e os milhões de pessoas condenadas a morrer de fome e a suportar a “morte” social dos intocáveis.
- ⑨ **A samaritana junto ao poço de Jacó.** A árvore (*cássia fistula*) representa a santidade do lugar.
- ⑩ **As flores de lótus despontam do jarro.** O vaso de água está junto ao rio da vida (refere-se à visão dos ossos, de Ezequiel).



Significado da pintura

Cristo, água da vida

O centro da tela é dominado pela figura de Cristo, com a face voltada para o alto e as mãos dirigidas para baixo, que acolhem as necessidades de quem “vive cansado e sobrecarregado” (Mt 11,28). O símbolo sânscrito Om que indica, no hinduísmo, o Poder Supremo, está pintado na manga esquerda da veste de Cristo e indica que Ele é o único escolhido para revelar a palavra de Deus e difundi-la. “Este é o meu filho amado; nele está o meu agrado: escutai-o!” (Mt 17,5). Águas cintilantes descem do alto sobre a figura de Cristo, envolvendo-o e banhando seus pés, formando um curso d’água: Cristo é a Água da Vida para todos os que têm fome e sede de honestidade.



Apresentando a água como símbolo da vida, o pintor Jyoti Sahi recorda o mito da Descida do Ganges: certo dia, uma grande seca ameaçou destruir todos os seres vivos da terra, mas um sábio rei, Bhagirat, através de orações e penitências conseguiu chamar a atenção da graça divina e da luz sob a forma de água. Visto que o poder da água corria o risco de destruir a terra, Siva fez brotar de sua cabeça o curso d’água de modo a limitar a sua força e fazê-lo descer docemente ao longo das planícies indianas como o sagrado rio Ganges. Cristo como o “Novo Bhagirat” e Senhor da transfiguração se oferece como sacrifício “assumindo a condição de escravo e tornando-se igual aos homens” (Fl 2,7), obediente até à morte de cruz. Ele tornou-se o servo de Deus, obediente à vontade do Pai e às regras deste mundo.

O profeta do seu povo, Moisés, que tocou a rocha para fazer brotar dela a água é, também, a pureza que abre a fonte da graça divina a si mesmo e aos outros através do ascetismo e da

meditação. Indica o novo Moisés que proclama a lei ao seu povo.

A luz como símbolo da vida

A luz é considerada pelo pintor como outro símbolo da vida. Ela desce sobre o mausoléu e sobre a figura de Lázaro; é a luz da ressurreição e da manhã de Páscoa. A luz dá a vista e uma nova vida ao cego de nascença. Ela ilumina o povo que traz os jarros de água, os trabalhadores migrantes, os intocáveis: também eles são chamados a uma nova vida; os que foram espezinhados e dobrados, levantarão a cabeça, conscientes da própria dignidade de seres humanos. A luz mistura-se com a pureza da água que desce sobre a figura de Cristo. Ela provém da árvore que ilumina o poço e se detém sobre as flores de lótus que despontam do jarro colocado em primeiro plano na pintura.

A multiplicidade das fontes da revelação

O pintor leva-nos a apreciar o valor das outras religiões e das diversas visões da vida como também a perseguir o caminho do diálogo.

As quatro fontes de luz são, para o artista, os quatro modos com que Deus se revela a si mesmo:

- A luz que ilumina o mausoléu a partir da esquerda representa o modo com que o Islã crê firmemente na ressurreição dos mortos.
- A segunda fonte de luz recorda o hinduísmo e o budismo para os quais “o rio” e “a árvore” são particularmente importantes: o rio inicia o seu curso a partir da árvore sagrada (*ficus indica*) justamente onde o raio de luz toca a terra.
- A terceira fonte de luz desce sobre a figura de Cristo, que foi glorificado pelo Pai.
- A quarta fonte de luz, à direita do quadro, ilu-



mina uma mulher junto ao poço e recordamos a percepção natural de Deus no Homem “que era a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem a este mundo” (Jo 1,9).

A humanidade como recurso da vida

O pintor espera vivamente na ressurreição e na vida. A humanidade poderia participar da ressurreição de Cristo. Esta esperança é baseada no rico dom da vida humana.

O grupo de pessoas de pele escura na parte esquerda do quadro pertence ao mais baixo grupo social; elas voltam o próprio olhar para o rosto escuro de Cristo que, como servo sofredor, esteve sempre ao lado dos humildes, dos pobres e rejeitados, levando os últimos da sociedade à sua justa posição, rica de dignidade humana.

A mulher samaritana de pele escura, junto ao poço de Jacó, veste um *sari* típico dos intocáveis, semelhante ao da mulher indiana *harija* à qual não é permitido oferecer água às demais castas, porque se o fizesse as contaminaria. Cristo derruba as barreiras sociais entre hebreus e samaritanos, entre os que pertencem às altas castas hindus e os intocáveis; Ele recebe a água da mulher, honra-a aceitando a sua oferta e mostra que ela não pertence a nenhuma casta, e é digna de oferecer a água.

A mulher na Amêndoa é pintada como uma lágrima compartilhada com Jesus; é Maria, a irmã de Lázaro, que chora pelo irmão; Jesus quer compartilhar todos os sofrimentos da humanidade.

A composição e o significado do Hunger cloth

É um dos tantos exemplos de arte cristã comissionada ao longo dos séculos. Este quadro, em particular, vem da Índia,

e está estreitamente ligado à Quaresma sendo inspirado pelos textos litúrgicos dedicados às cinco semanas quaresmais.

O tema da pintura é a Vida – simbolizada pela água e pela luz – na qual o pintor quer representar plasticamente muitos aspectos distintos em três níveis como:

A realidade concreta

O pintor liga o assunto da *Misereor Hunger Cloth* à realidade social da Índia de hoje. Sua pintura refere-se aos pobres e rejeitados, aos intocáveis e àqueles que pertencem às castas mais baixas da sociedade. Entre eles, em particular evidência, estão as mulheres que são as mais discriminadas e exploradas.

Simbolismos

O artista colhe, ao mesmo tempo, a realidade da vida, da qual a água e a luz são símbolos muito profundos. Elas representam a vida concedida e a vida que reflete o divino. Jyoti Sahi retoma alguns símbolos sagrados das grandes religiões indianas – Hinduísmo, Budismo e Islã – para indicar os múltiplos aspectos da Revelação e despertar a nossa tomada de consciência “da infinitamente variada sabedoria de Deus” que se encontra também na religião cristã (Ef 3,10).

Revelação bíblica

O pintor, como cristão, refere-se à revelação dada por Jesus – revelação que é o momento culminante da existência humana. Cristo, retratado com a pele escura, é mostrado como aquele que pertence a uma casta inferior mas é também a figura dominante de todo o quadro. Ele nos traz a promessa da salvação e da vida eterna, “a água que eu darei se tornará nele uma fonte que jorra para a vida eterna” (Jo 4,14). “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12), “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11,25).



**Aos Salesianos,
aos Membros da Família Salesiana
e aos “Amigos de Dom Bosco”**

Saúdo-os cordialmente e desejo-lhes uma fecunda *Jornada Missionária Salesiana 2004*. Dirijo-me a vocês numa data muito significativa para toda a humanidade e, de modo particular, para a Igreja e a Congregação. A Solenidade da Imaculada Conceição de Maria nos faz ver qual era o plano original de Deus sobre o mundo, recorda-nos que o “sim” de Maria significou uma reviravolta na história da humanidade e nos convida a sermos, também nós, colaboradores de Deus.

Para nós salesianos tudo começou também num 8 de dezembro. Hoje, a Congregação e a Família Salesiana encontram-se presentes em 129 países do mundo como missionários dos jovens.

O tema que escolhemos para este ano é *Arunachal Pradesh*, uma região de grande pobreza e subdesenvolvimento onde o Evangelho ainda não é muito conhecido. Nossos irmãos já começaram ali diversas iniciativas no âmbito da promoção humana sublinhando a educação. Justamente porque a salvação tem a ver com a totalidade da pessoa humana, a

evangelização hoje é, mais do que nunca, inseparável da promoção social, procurando fazê-la passar de situações não adequadas à dignidade da pessoa a condições mais humanas.

A partir deste perfil *Arunachal Pradesh*, se nos apresenta como um grande desafio pelas necessidades às quais queremos ir ao encontro e como uma oportunidade para rever a nossa fé na caridade ativa e operosa que enche de esperança e de futuro a vida desse povo. Estamos conscientes de que eles mesmos devem ser os protagonistas do próprio desenvolvimento, também pelo direito que têm de preservar a própria cultura. Nossa missão é ser solidários, próximos, compassivos.

Como de costume, a nossa opção estratégica de salesianos encontra-se no campo da



Roma, 8 de dezembro de 2003
Solenidade da Imaculada

educação em favor dos jovens, convencidos de que o melhor presente que lhes podemos oferecer é o de equipá-los para enfrentarem a vida, sempre mais competitiva, com garantias de sucesso.

Hoje, como nunca, existem muitas possibilidades de anunciar Cristo e o seu Evangelho, graças aos recursos de que se dispõe e à comunicação social. Maria, a Virgem Mãe, dinamize o nosso zelo missionário para fazer com que todos os povos possam conhecer o plano maravilhoso de Deus e dele façam parte.

Encorajo-os a serem animadores entusiastas desta *Jornada Missionária Salesiana 2004*, para que seus frutos nos permitam promover realmente a dignidade do homem indo ao encontro de suas necessidades e desejos mais profundos. Em nome do povo de *Arunachal Pradesh*, que se beneficiará da generosidade e solidariedade de vocês, muito obrigado.

Cordialmente, em Cristo Jesus

Pascual Chávez V.
P. Pascual Chávez V.
Reitor-Mor



Caros Irmãos e Membros da Família Salesiana,

Apresento-lhes com grande alegria o Dossiê sobre a Animação Missionária.

É muito encorajador saber que em muitas Inspetorias o dossiê é utilizado com grande proveito para a animação missionária.

Após ter refletido sobre as temáticas missionárias dos dois anos anteriores (2002: os Refugiados; 2003: Desenvolvimento Humano e Evangelização), retornamos este ano à apresentação de uma região onde os salesianos e outros membros da Família Salesiana estão empenhados ativamente em várias atividades em tudo que se refira ao desenvolvimento do povo mais pobre.

Arunachal Pradesh, um estado do Nordeste da Índia, nos limites com a China é, ao mesmo tempo, terra de mistério e de promessa.

São muitos os desafios desta região da Índia. As várias tribos que aí viveram esquecidas por séculos, são agora desafiadas a saírem do isolamento e da pobreza e viverem em conformidade com as variadas exigências do mundo em rápido desenvolvimento. Não ficando fossilizados num museu cultural, estão ansiosos por preservar a sua rica herança cultural e a própria identidade, sem cair, porém, no moderno caldeirão da globalização.

O maior desafio enfrentado

por estas tribos é a clara assimilação de novos valores em harmonia com a sua cultura e a sua história, deixando de lado as estruturas sociais opressivas e desumanas e os costumes que os mantêm isolados do resto da humanidade e que os tornam escravos de seus próprios temores.

A Igreja Católica, particularmente os salesianos e demais membros da Família Sale-

siana, são protagonistas e ao mesmo tempo catalisadores deste processo de transformação das tribos de Arunachal Pradesh.

Todo visitante nesta difícil condição, fica agradavelmente surpreendido e muito impressionado com o papel importante que eles assumiram pelo desenvolvimento humano, social e religioso do povo de Arunachal Pradesh. Apesar da falta de estradas e de meios velozes de comunicação, chegam até o povo espalhado pelas aldeias mais distantes. A educação é o meio usado para levar a população para fora da escuridão da ignorância, da superstição e da tirania dos costumes sociais pouco saudáveis.

Nossos irmãos estão desenvolvendo também a obra pioneira de dar uma gramática e uma literatura às línguas das

tribos, exclusivamente faladas. A familiarização com o povo de Arunachal Pradesh caminha ao lado do trabalho de transformação do Espírito de Deus entre as pessoas menos privilegiadas, através de seus instrumentos humanos, os sa-

lesianos e seus colaboradores.

As maravilhas operadas no dia de Pentecostes são uma realidade também em nossos dias. Arunachal Pradesh é

testemunha disso.

Este dossiê foi preparado graças à colaboração de diversas pessoas: P. George Palliparambil, que providenciou a maior parte do material, e P. Walter Schmidt, com a participação ativa da equipe do VIS sob a orientação do P. Ferdinando Colombo que se ocupou do trabalho de edição e organização.

A cada um deles, em nome de todos nós, exprimo apreço e sinceros agradecimentos. Espero que o dossiê sirva para aumentar o espírito missionário em cada um de nós e a levar a ajuda muito necessária ao povo de Arunachal Pradesh.

Maria, Rainha das Missões, possa interceder por eles e reforçá-los na fé.



P. Francis Alencherry
Conselheiro para as Missões



Uma excursão pelo Arunachal Pradesh

Deixamos – P. Joseph, o motorista, um jovem estudante e o abaixo-assinado – o colégio de Harmutty, onde tínhamos passado a noite, nas primeiras horas da manhã, antes da aurora. Havia uma greve programada e temia-se ficar bloqueados na estrada, comprometendo dessa forma o sucesso da nossa aventura no Arunachal Pradesh. Enquanto desenhavam-se no céu as primeiras faixas claras da aurora e a estrada estava absolutamente solitária, eu gozava internamente de uma emoção simples, mas profunda, ligada à sensação de adentrar-me numa terra quase virgem feita de natureza, de montanhas, de poucas cidades e aldeias empoleiradas pelo dorso da montanha ou espalhadas na confluência dos vales. E, depois, ardia da curiosidade de poder finalmente encontrar o legendário “mitun”, o nosso boi, que não conseguira ver ao longo de toda a minha viagem no Naga-

land. E houve o impacto com uma natureza maravilhosa, impenetrável e recoberta de florestas e, sobretudo, com algumas famílias deste poderoso e dócil bovino, de grandes olhos doces, destinado a ser o dote das jovens esposas e alegrar os banquetes das grandes circunstâncias.

Com efeito, um primeiro contato com o Arunachal Pradesh, uma saída quase clandestina por algumas horas, já tinha sido possível em Rajanagar, que alcançáramos alguns dias antes, de Margherita. Embora sulcando uma pista muito freqüentada pelos elefantes, a viagem fora tranqüila e rápida e tinha-nos permitido chegar à aldeia, onde fomos acolhidos pelo ativíssimo P. Theophilus, pelos estudantes da escola e, sobretudo, pela autoridade máxima, o rei da aldeia em pessoa. Apreciei a casa paroquial inculturada, constituída por uma grande cabana circular, toda em madeira mas, sobretudo, o es-

pírito que anima esta missão. O salesiano é realmente o centro propulsor do ponto de vista cultural, na valorização da identidade dos diversos grupos tribais dos Simpho, Nocté e Adhivasi, do ponto de vista da evangelização, no cuidado dos vários grupos cristãos e na organização das atividades educativas da escola da missão. Percebi um grande sentido de comunidade e, principalmente, um grande apreço por aquilo que os salesianos, em nome de Dom Bosco, fazem naquele pedaço do Arunachal Pradesh.

Após este parêntesis, retomo o fio do discurso... retornando ao doce e tranqüilo “mitun”, que continua para mim um dos símbolos mais intensos das montanhas do Arunachal Pradesh. Uma terra, por algum tempo fechada hermeticamente à evangelização por força de uma lei do Estado



P. Giovanni Mazzali,
Ecônomo Geral
dos Salesianos

Arunachal Pradesh.
Aldeia típica empoleirada
no dorso de uma montanha

Testemunho



que impedia o ingresso a qualquer missionário. E é interessante sublinhar que nestas regiões difíceis, os primeiros missionários foram os jovens educados e formados, primeiramente na Don Bosco Technical School de Shillong e, depois, na Biblical School de Tinsukia. Era uma instituição tipicamente salesiana, patrocinada pelo então diretor P. Thomas Menampampil. Deu-se a diversos jovens, vindos justamente do Arunachal Pradesh, a possibilidade de se formarem do ponto de vista profissional e catequético. Com esse método, foram criados grupos de jovens que, retornando à própria tribo, por primeiro, pregaram Jesus Cristo e prepararam crianças e adultos para o batismo. Uma igreja que nasceu sobre a fé e o sentido missionário de jovens educados no estilo de Dom Bosco. Foram verdadeiros pioneiros, limpavam terreno e tornaram possível, graças às pequenas comunidades cristãs que se constituíram aos poucos, a entrada dos missionários e a presen-

ça do sacerdote nas comunidades tribais espalhadas pelas montanhas.

Primeira etapa em Yachuli. É ainda cedo, a manhã está límpida e o ar de montanha, penetrante. O vale, neste lugar muito amplo, permitiu numerosos aldeamentos visíveis do teto da escola salesiana em que somos acolhidos. Trata-se de um novíssimo edifício, administrado pelo bispo de Tezpur, que acolhe na grande praça à sua frente, mais de quinhentos alunos que frequentam a escola; eles são alojados no internato dos salesianos e das irmãs ou em outros pequenos internatos espalhados pela pequena cidade. Outros, percorrem todas as manhãs vários quilômetros, de suas aldeias à escola. É belo constatar a colaboração entre os Salesianos e as Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora, fundadas pelo Bispo Dom Ferrando, chamadas familiarmente de "ferrandinas". Uma irmã é responsável pela escola no aspecto didático, enquanto o salesiano pensa na organização da

escola e do internato. Os estudantes são disciplinados, atentos ao toque do sino que ritma a jornada, e intui-se que são ativos e orgulhosos em relação à sua escola, esta grande família onde colocam as bases do próprio futuro.

Após um bom café da manhã, uma rápida visita aos vários ambientes e uma parada na igreja, testemunha dos inícios desta obra corajosa, retomamos o longo caminho que nos leva a Palin. As longas horas de viagem e as constantes sacudidas que me mantêm acordado permitem-me perceber os numerosos grupamentos humanos que povoam estas localidades inacessíveis. As construções, rigorosamente em madeira, são características e revelam, em suas dimensões e organização, que a vida tribal expressa fortemente a unidade familiar e a total partilha dos espaços disponíveis. É uma constatação que fiz também visitando em Sadiya alguns grupamentos da grande tribo dos Mishing. A cabana, elevada do terreno, é o único grande espaço onde se come, se dorme, se conversa e, embora com

Testemunho



O povo está habituado a tirar da natureza os reduzidos meios de subsistência

O "mitun",
legendário boi sacrificial.

Os alunos enfileirados na grande praça da escola de Yachuli



as óbvias dificuldades, se procura estudar e ler. O tear está localizado normalmente fora da cabana e, também do lado de fora, são realizados todos os trabalhos necessários para a vida de família.

Percebo que se trata, em geral, de tribos pobres, de gente habituada a um clima frio e a tirar da natureza meios muito reduzidos de subsistência. Encontro nuvens de crianças, vestidas sucintamente, que correm na direção do carro ou que o olham com olhar encantado; outros já estão ocupados no trabalho, no transporte de lenha, de água, de frutos do campo; encontram-se, também, grupos de estudantes que iniciaram a viagem, às vezes não breve, para chegar à escola mais próxima.

Chegamos finalmente em Palin. Também aqui, o vale se alarga dando espaços muito preciosos para o cultivo do arroz e das hortaliças, necessidade absoluta para a subsistência. A obra salesiana pode se desenvolver num espaço muito pequeno, junto ao declive da montanha.

É impossível encontrar um espaço amplo para a escola e os internatos. A impressão é quase de um acampamento, de uma situação provisória. Desço o íngreme declive que leva ao pequeno pátio da escola, onde também fica a residência dos salesianos e o internato das meninas. Os meninos são mais afortunados porque, graças a uma ajuda financeira, foi possível, embora em espaço restrito, construir uma casa de alvenaria. Olho para estes meninos, estes jovens, estas jovens mulheres que me acolhem com calor simples, sorrio aos salesianos que estão no meio deles e sinto que aqui Dom Bosco se sentiria realmente em casa. É a interpretação indiana do galpão Pinardi, é o oratório dos inícios. À noite, na escuridão atravessada por poucas e fracas luzes, no pequeno pátio, envolvido no xale característico, enquanto os garotos cantam e as meninas dançam com suas roupas tradicionais, entendo o gran-

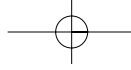
de dom que os missionários, os salesianos Stephen, Alphonse e Francis, são para os jovens desta terra pobre e orgulhosa. Pela manhã, ainda escura, sou acordado por alguns cochichos, alguns leves rumores. Levanto-me também, quase furtivamente, e saio, enquanto o céu começa a clarear. O ar é límpido e frio e me aperto no amplo xale. Curvadas sob o mísero e pequeno pórtico, à leve luz da manhã, as jovens, as meninas, estão estudando em silêncio e quase se retraem tímidas, ao perceberem a minha presença.

Do carro, já em movimento, estendo a mão para um último intenso cumprimento. Alguns rostos ficam-me impressos. Levo, sobretudo na mente e no coração, a certeza de que Dom Bosco está vivo, que o seu espírito se encarnou nos salesianos que encontrei, que tantos jovens pobres, sem meios, distantes de casa, podem esperar por um futuro feliz.



O homem da tribo Mishing e (à direita) a típica cabana elevada do terreno

A nova escola Dom Bosco em Longding

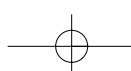


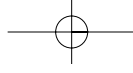
Arunachal Pradesh	
Capital:	Itanagar (distrito de Pampun Pare)
Superfície:	83743 Km²
População:	1.091.117 (homens: 573.951; mulheres: 517.166)
Taxa de Alfabetização:	54,74%
Instituições educativas:	Universidade: 1 Instituto de Engenharia: 1 Politécnico: 1 Institutos de formação profissional: 5 Escolas de 2º grau: 171 Escolas de 1º grau: 329 Escolas elementares: 1.280 Creches: 137
Principais tribos:	Adi, Nyishis, Apatani, Bugun, Galo, Hrusso, Koro, Meyor, Monpa, Tagin, Sajolang, Sartang, Tai, Khamti, Tangshang Yobin, Singpho, Sherdukpen, Khamba, Memba
Recursos naturais:	grafite, quartzo, carvão, pedra calcária, gás natural, ocre, mármore

Arunachal Pradesh



Fonte: Directorate of Information, Public Relations and Printing Government of Arunachal Pradesh, Naharlagun





Arunachal Pradesh

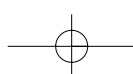
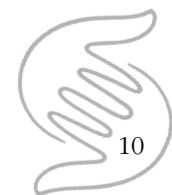


Mulheres Tangsa

Homem e mulher Wancho

Homem Nishis

Mulher Apatani



**GEOGRAFIA
DO TERRITÓRIO**

O **Arunachal Pradesh**, nome que significa "Terra do sol nascente", é o mais vasto estado do nordeste da Índia.

Esta terra, formada por cadeias de montanhas nevadas do Himalaia, florestas fluviais e extensas planícies por onde correm diversos rios, é a pátria de 100 tribos, cada qual com sua língua, cultura, usos e costumes. Estas tribos provêm todas da raça mongólica e diferem do resto da população indiana não só pelo seu aspecto físico, mas também pelo seu modo de viver.

Vivem em aldeias situadas em altos cimios montanhosos, isolados por densas florestas, e isso sempre representou um motivo de segurança mas também de isolamento, tanto entre as diversas tribos quanto particularmente entre estas

e o resto do País. Esse isolamento vai-se esvaindo aos poucos graças à televisão, às ligações telefônicas e à construção de estradas; muitos, porém, apesar do avanço do progresso, recusam-se a se afastar de seus antepassados e das próprias raízes.

As tribos ainda hoje empregam seus maiores recursos na agricultura; por isso, vastas áreas florestais são cortadas todos os anos, e são a principal causa da recente alteração climática do território.

SITUAÇÃO POLÍTICA

Todas as tribos do Arunachal Pradesh, com exceção dos Nocte e dos Wancho do distrito de Tirap, adotam em suas aldeias uma política extremamente democrática, organizada segundo uma hierarquia que tem como personagens mais autorizados

os homens mais velhos da aldeia, acompanhados de um Conselho que os orienta e ajuda.

Os Nocte e os Wancho, diversamente, vivem num rígido sistema monárquico no qual o Rei ocupa um lugar relevante tanto na vida quotidiana quanto nos negócios extraordinários da aldeia. O Rei recebe o dízimo da população e qualquer estrangeiro que entre na aldeia é a ele apresentado. Ao soberano é concedido casar-se com mais de uma mulher e, de fato, ainda hoje, há Reis com até cinquenta mulheres. O Rei também tem o poder de demarcar, de acordo com rituais precisos, a área florestal da aldeia, cortada todos os anos para dar lugar à agricultura.

Hoje, contudo, as eleições para as estruturas democráticas locais tornaram-se muito comuns, e este moderno sistema político teve, sem dúvidas, um forte impacto no papel do Rei e em todo o sistema monárquico dessas tribos.

SITUAÇÃO SOCIAL

Todas as tribos do Arunachal Pradesh têm uma forte tradi-



ção patriarcal. A figura masculina no interior da família e da tribo, foi fortemente evidenciada até hoje, enquanto o papel da mulher foi sempre muito pouco reconhecido e não aceito no interior da sociedade.

Por isso, a educação e outros direitos não lhes foram jamais conferidos, nem jamais alguém, homem ou mulher, sentiu a necessidade e o peso da privação desses direitos. A situação nesse sentido começou a mudar recentemente, mas ainda há muito por fazer nesse campo.

A poligamia e os casamentos infantis, para algumas tribos, foram até agora costumes muito comuns, embora com a difusão da instrução, da mídia, e com a mudança econômica, esta prática esteja desaparecendo rapidamente.

O nível de alfabetização e as condições higiênicas e sanitárias nas aldeias são muito carentes. Ainda é pouco comum o uso do banho; porcos e outros animais vagam livres ao redor das casas. O hábito pouco saudável de deixar os mortos seminus em plataformas colocadas perto das aldeias faz com que facilmente se difundam doenças, e muitas pessoas morrem todos os anos de lepra, disenteria, tuberculose e outras patologias. Foram feitos, nos últimos

anos, todos os esforços possíveis para resolver esses problemas e, de fato, muitas aldeias recentemente aceitaram a sepultura como principal prática sanitária.

Os habitantes do Arunachal Pradesh eram conhecidos, até há pouco tempo, como a “população nua” e só de recente tiveram que se adaptar ao uso de roupas.

As moradias típicas, construídas de bambu, são longas e resistentes e, erguendo-se nas frias colinas, desfrutam de todo tipo de ventilação. A lajeira é considerada o lugar central da casa e ao seu redor são realizadas todas as atividades principais: cozinhar, comer e socializar.

ASPECTOS CULTURAIS

Pode-se falar do Arunachal Pradesh como de uma cultura isolada, com suas características, costumes, heranças so-

ciais de todas as comunidades, significados, valores, regulamentos, crenças, religiões, danças, festas e ritos que fazem parte dela. De fato, o isolamento geográfico e a inacessibilidade do lugar fizeram com que o povo do Arunachal vivesse totalmente isolado do mundo e do próprio subcontinente indiano. Além disso, a linha de limites internos imposta pelo governo colonial como “Decreto de regulamentação da Fronteira Oriental do Bengala” em 1873, para proteção dos próprios homens, foi usada como instrumento para manter o povo deste Estado fechado em seus territórios.

Embora as numerosas tribos da região apresentem características gerais comuns entre si, como a importância da comunidade, a dimensão social da propriedade privada, o sentido da igualdade, a ho-



nestidade como valor absoluto, a dignidade do trabalho, o amor filial e o respeito pelos anciãos, é importantíssimo sublinhar que cada cultura tribal se diferencia das demais, assim como acontece para as civilizações.

Festas e atividades comuns fazem parte do seu estilo de vida e as manifestações exteriores representam um modo de aproximação dos habitantes entre si.

Apesar de todas as boas qualidades que caracterizam as comunidades tribais em sua idade de ouro, um processo rápido de saída da tribo está corroendo rapidamente e ameaçando a mesma sobrevivência da alma tribal. O futuro dirá o que restará do patrimônio cultural de milhares de anos. Com a introdução do sistema educativo moderno, as formas tribais

de *training* passaram de moda. O comércio, os intercâmbios, a economia, a industrialização, as atividades de desenvolvimento e os serviços sanitários estão levando à ruptura do tecido social que mantinha unida a comunidade tribal. A partir da segunda metade dos anos setenta, os jovens do Arunachal começaram a sair da própria aldeia para ir estudar em outros Estados, retornando depois com tudo o que assumiram do mundo exterior, e representando, segundo o povo, uma ameaça cultural. Hoje, estes jovens instruídos nas escolas fora do País estão tomando o comando de suas aldeias de origem e sua influência já se faz sentir.

IDENTIDADE RELIGIOSA

Toda a população do Arunachal Pradesh refere-se a três

principais identidades religiosas. O primeiro e maior grupo religioso é animista, pertencente à família dos Tani, descendentes de Abo Tani, o antepassado comum. Pertencem a essa religião, a maior parte da população que habita nos distritos centrais, em algumas áreas do Assam e em parte dos vales do Kameng Oriental e do Dibang Inferior, os Nishi e vários subgrupos. O segundo grupo é, também, de tipo animista, mas levemente influenciado pelo hinduísmo. A este tipo de culto pertencem de modo particular as pequenas tribos que habitam os distritos de Tirap, Chanlang, os vales de Lohit e do Dibang Superior. Igualmente os Nocte, Wancho, Tangsa e vários grupos Mishmi são prosélitos desta religião. Diversamente do primeiro grupo animista, os seguidores deste segundo grupo fazem menos referência ao culto do Sol e da Lua nas próprias práticas religiosas e falam mais de um Deus envolvido com suas vidas. Os espíritos não têm grande importância no seu mundo, ao contrário dos Tani. Como já foi dito, alguns destes grupos foram influenciados pelo hinduísmo e, por exemplo, não comem carne nem têm dificuldades em aceitar o sistema de castas.

Estudantes do colégio ensinam cantos religiosos na aldeia



O terceiro grupo é formado por várias tribos de religião budista. São as populações que povoam o Tawang, o Kameng Ocidental e algumas tribos nos limites com o Tibet, seguidores da tradição Lamaística do Mahayana (Grande Veículo). As tribos dos Khamti no distrito de Lohit e os Singpho no distrito de Lohitand Changlang, provenientes da Tailândia e de Mianmar (Birmânia), praticam o budismo de tipo Hinayana (Pequeno Veículo), valendo-se ainda dos antigos textos religiosos usados naqueles lugares.

Os primeiros contatos com o cristianismo, de que se tem memória, aconteceram em 1817, quando o Reverendo



A atitude contemplativa e paciente é uma característica do povo do Arunachal Pradesh

Bronson, Pastor americano da Igreja Batista, fundou uma missão em Namsang perto da tribo dos Nocte. Debilitado na saúde e desencorajado pela falta de cooperação dos moradores do lugar, o Pastor logo se retirou para Jaipur no Assam.

Em 1851, os Padres Krick e Bernard das Missões Estrangeiras de Paris se aventuraram na região dos Adi, acompanhando um grupo de soldados ingleses. Os dois, que estavam ansiosos para proclamar a fé no Tibet, se estabeleceram na tribo local e ali ficaram por alguns anos, ensinando e ajudando a população com seus cuidados médicos. A tradição oral dos lugares jamais os esqueceu, embora não se recorde da existência de

qualquer comunidade cristã fundada por eles. Em 1854, os dois Padres decidiram continuar a missão de evangelização no Tibet, mas foram capturados e mortos pelo chefe da tribo dos Mishmi na aldeia de Somme.

A Igreja Batista começou, no mesmo período, a ter contatos com a população do Arunachal, a partir da missão Sadiya. Fala-se que, em 1900, conseguiram até mesmo traduzir o Novo Testamento em alguns dialetos tribais, mas depois de algum tempo começaram a desagregar-se em tantas pequenas comunidades que, ainda hoje, têm inúmeras denominações.

Na segunda metade dos anos Sessenta, P. Aloysius Cerato SDB, que se encontrava na missão de Lackmpur



(Assam), manteve contatos permanentes com a tribo dos Apa Tani, alguns dos quais ainda hoje são fiéis católicos. Estes e outros contatos através das escolas de Lakhimpur, Tezpur e Silapathar, são considerados capítulos de ouro na história da Igreja no Arunachal Pradesh.

Os Salesianos de Dom Bosco representam para o Arunachal Pradesh uma presença significativa e digna de todo respeito; os vários membros da Família Salesiana, especialmente os ex-alunos, assumiram atualmente um papel social que não poderia ser mais valorizado.

Os contatos com os salesianos, iniciados justamente em Lakhimpur nos anos sessenta, permaneceram em nível individual até 1978, data do primeiro encontro entre o P. Thomas Menampampil SDB, diretor da escola Dom Bosco de

Shillong, e um jovem chefe de aldeia da tribo dos Nocte, Sr. Menampampil da aldeia de Borduria, que se orgulha do primado de conversão ao catolicismo entre todas as aldeias do Arunachal.

P. Menampampil (atual Arcebispo de Guwahati) facilitou a admissão dos jovens do Arunachal Pradesh nas escolas salesianas e isso reforçou ainda mais as relações com as diversas aldeias. Os estudantes retornavam às próprias casas para as férias e o povo começava a ver como os seus jovens tinham mudado e estavam bem instruídos, convencendo-os sempre mais a fazer com que as novas gerações das tribos estudassem nas escolas católicas. Em 1979, o Sr. Lowangcha, sua família e centenas de outras pessoas das aldeias próximas se converteram ao catolicismo

e receberam o Batismo.

Em 1992 foi inaugurada na aldeia de Borduria a primeira escola Dom Bosco com o dormitório. Hoje, a fé católica é parte integrante da vida das tribos locais.

Os ex-alunos da escola Dom Bosco ocupam postos de grande importância no panorama político e administrativo do País.

Os salesianos estão convencidos de que, apesar da distância dos lugares, desde que sejam dadas as justas oportunidades, a juventude e as crianças de hoje haverão de garantir um futuro promissor para a população do Arunachal, e serão modelo de sucesso e mudança para o resto da Índia.



Borduria. A primeira igreja e a primeira Escola de Dom Bosco no Arunachal Pradesh

**PERSPECTIVAS
PARA O FUTURO**

O quadro descrito até aqui poderia parecer totalmente róseo, mas ainda hoje para o povo do Arunachal Pradesh e para os missionários continuam numerosos os desafios a enfrentar. A pobreza absoluta nas aldeias é um dado de fato que não pode ser omitido e que cria um inevitável questionamento nos Salesianos sobre onde começar e onde terminar a sua obra. Torna-se sempre mais evidente o problema da crescente divisão entre ricos e pobres, sobretudo considerando que os ricos são muitas vezes os jovens que estudaram em escolas salesianas e que estão se tornando cada dia mais fechados e egoístas. Justamente por essas motivações deve-se ter presente que os primeiros valores que se lhes deve transmitir são, sem dúvida, o amor e a partilha.

O fenômeno universal da comercialização e do consumismo vai-se insinuando com velocidade também nas aldeias mais remotas; todos procuram enriquecer-se com qualquer meio, afastando-se assim dos primitivos valores tribais e deixando, como consequência, que o dinheiro prevaleça sobre o próprio compromisso com Deus e a religião.

O passado de cortadores de

cabeças e as guerras entre as aldeias e tribos criaram na população uma enraizada falta de sentimento de culpa, grave ameaça para a vida cristã focalizada no perdão absoluto, na compaixão e na mansidão. Remédio único para esse problema é representado por uma oração sem fim e pela insistente, infinita paciência dos missionários.

A poligamia também faz parte dos principais desafios do cristianismo: procura-se dar um remédio para isso com a instrução, ensinando que ela não é outra coisa que uma praga social e que os filhos não devem ser considerados como força de trabalho, mas que devem ser educados e respeitados, assim como as mulheres, que devem gozar dos mesmos direitos dos homens tanto na família quanto na sociedade e na Igreja.

As seitas cristãs surgidas nos últimos anos vão-se insinuando no Arunachal como uma ameaça veloz, graças à força persuasiva que têm de capturar a imaginação do povo,

pois não atuam através de nenhum sistema nem qualquer tradição, sem qualquer *background* ou referência à autoridade; os modos combativos que muitas vezes utilizam são um verdadeiro escândalo para toda a população.

Uma vez que cada tribo tem suas próprias tradições culturais e a própria unicidade, o maior desafio para a Igreja Católica é, e será no futuro, preservar e proteger estas riquezas, buscando integrar-se em sua vida sem por isso impor valores e novas tradições que os autóctones não podem nem entender nem sentir como familiares.

Também a vocação ao sacerdócio poderia representar num futuro próximo um importante objetivo da florescente Igreja do Arunachal Pradesh, pois os próprios habitantes poderiam sentir-se no futuro expectadores passivos de uma Igreja que cresce em seus territórios sem que eles sejam seus co-autores.



**REFLEXÕES DO ARCEBISPO DE GUWAHATI,
DOM THOMAS MENAMPARAMPIL**

O arcebispo Thomas Menamparmpil fala da sua terra de missão e do quanto é difícil evangelizar e levar a figura de Cristo a uma terra distante e difícil como a Índia, num Estado como Arunachal Pradesh.

Em sua diocese de Guwahati, no Assam, os habitantes são cerca de seis milhões e, destes, apenas cinquenta mil são católicos: perfil típico de uma terra de missão na qual as feridas das lembranças coloniais e dos erros históricos ainda não cicatrizaram totalmente. Ele diz que, apesar disso, não existe aversão por Cristo e por aquilo que ele representa. O Mahatma Gandhi, em sua primeira leitura do Sermão da Montanha contido no Evangelho, viu confirmados todos os ensinamentos recebidos quando criança. Não o recebeu como uma mensagem estrangeira, mas sentiu que a mensagem do Evangelho lhe era mais íntima e natural do que muitos outros ensina-

mentos que fizera seus no decurso dos anos.

Em diversos períodos da história e em várias partes do mundo, o cristianismo teve imagens diferentes e, em todas as épocas e em qualquer lugar existiram homens e mulheres intuitivos que viram essa religião como a maior força espiritual sobre a terra e um ponto de encontro entre Deus e os homens. Esta mensagem, porém, não se transmite por si. Os evangelizadores têm a missão de fazer com que o cristianismo seja mais do que interesse coletivo de uma sociedade ou civilização. Significa o encontro com Deus. Um evangelizador é realmente eficaz somente quando ele próprio se liberta dos sentimentos ofensivos, tanto pessoais quanto históricos. Sua tarefa é também curar as memórias de feridas históricas da sociedade em que vive. O único caminho para o futuro é o perdão. Muitas vezes, a palavra "con-

versão" teve uma conotação negativa em muitos Países da Ásia. Não é raro que o povo associe a palavra à mudança de religião sob pressão, sedução ou engano. Sabe-se que a conversão espontânea é algo de diverso, é tornar própria a experiência de Deus. A primeira coisa importante, portanto, é que haja alguém que a explique e a segunda coisa é que a evangelização comece aí onde que se encontra aquele que busca: a sua passagem da Escritura, o seu problema na vida, o seu estado de espírito, o nível de sua aprendizagem, as aspirações do seu coração, a natureza da sua cultura, as limitações do seu horizonte e da sua visão.

Muitos missionários sofrem, hoje, de um forte sentido de "perda da auto-estima", que deriva de um sentimento de culpa em relação ao passado e de um complexo de incerteza quanto ao futuro. O importante é lembrar que certos comportamentos não vêm do Evangelho. De fato, somente o Evangelho pode soerguer aqueles que fizeram algum mal e aqueles que o padeeceram. É o Evangelho que lhes permite dar as costas à história e ir adiante com confiança tomando o futuro nas próprias mãos. Hoje, mais do que nunca, também nos Países mais distantes, as pessoas estão à espera desta ajuda do Evangelho.



A PRESENÇA SALESIANA

Os Salesianos de Dom Bosco formam um “grupo consistente” na região de Arunachal. Os vários membros da Família Salesiana, particularmente os ex-alunos, assumiram um papel de todo respeito. Os contatos com a Congregação, iniciados justamente em Lakhimpur nos anos 60, permaneceram num nível pessoal até 1978. Nesse ano deu-se a primeira ocasião do encontro entre o P. Thomas Menampampil SDB (agora arcebispo de Guwahati) – reitor da Don Bosco School de Shillong – e Wanglat Lowangcha, um jovem chefe da tribo Nocte proveniente da “queen village” de Borduria. Durante o ano, Wanglat foi a Shillong, ao centro de aprendizagem no nordeste da Índia, para procurar escolas que pudessem admitir jovens de sua etnia. P. Thomas aceitou imediata-

mente acolher alguns deles e isso reforçou mais tarde sua relação de amizade. Robert Kerketta SDB em Dibrugarh (agora em Tezpur) e os superiores salesianos encorajaram esse conhecimento e o P. Thomas foi visitar Arunachal em meados de agosto. A viagem poderia terminar em tragédia, pois o jipe alugado em que viajavam acidentou-se num encontro com um carro militar na pequena cidade de Kapu. Foram levados a Borduria, onde P. Thomas, por causa dos ferimentos nas pernas, sofria dores lancinantes. Durante a noite, Wanglat perguntou-lhe se ele e sua família podiam receber o batismo. P. Thomas aceitou e naquela mesma noite batizou toda a família em sua modesta habitação. Aquele dia, 20 de agosto, iniciado tragicamente por causa do acidente, acabou por se tornar um capítulo im-

portante a ser inserido na história da Igreja. No dia seguinte, P. Thomas foi levado a Dibrugarh onde foi submetido a uma longa internação. As escolas salesianas em toda a província (agora Dimapur e Guwahati) mostraram uma particular atenção na admissão dos estudantes do Arunachal e em ajudá-los de todas as formas. Tudo isso melhorou a situação também porque, quando os estudantes retornavam das férias, o seu povo percebia que eram bem instruídos. Isso levou os pais a mandar seus filhos às escolas católicas e a abraçar a fé aliviando os ritos desumanizadores e dispendiosos previstos pela tradição. Wanglat era um líder nato. Em agosto de 1979, ele conver- sou com algumas pessoas da sua aldeia e das aldeias vizinhas: 600 deles decidiram-se



Igreja típica de uma aldeia



A acolhida de mulheres Nishis

pelo batismo. A autorização de entrada foi negada, mas o povo corajosamente manteve a própria vontade e fez com que entrassem o bispo Robert, o P. Mathai Kochuparambil, inspetor salesiano (que se seria depois bispo de Diphu) e outros irmãos e irmãs do Assam. As autoridades olharam, impotentes, o que estava acontecendo. Em 2 de agosto de 1979, seiscentas pessoas foram batizadas e foi consagrada uma pequena igreja com teto de palha. Em seguida, Wanglat apresentou Tadar Taniang ao P. Thomas e ao bispo Robert, que o batizou mais tarde com seu mesmo nome: Robert. Vindo da tribo Nishi, a maior do estado de Arunachal, Robert entrou em contato com outras pessoas. A fé iniciou a se difundir na região com uma grande rapidez graças ao P. Kulandaisamy, um padre muito devoto, da Diocese de Tezpur, e ao P. Job Kallarackal SDB. Em 1980, Wanglat foi o primeiro católico a participar do Parlamento. Dez anos depois, Robert Taniang foi o primeiro católico a obter um cargo de ministro no interior do governo. Atualmente fazem parte do Parlamento seis ex-alunos da Don Bosco School. O Primeiro Ministro não esconde sua inclinação pelo ensinamento de Dom Bosco, enquanto o

Ministro da Instrução, Sanjy Takam, freqüentou as escolas salesianas desde a escola elementar.

Em 1992 foi aberta a primeira Dom Bosco School com dormitório em Bordura. P. George Pallipparambil SDB transferiu-se de Tinsukia para Bordura juntamente com alguns colaboradores leigos, George Joseph e Martha Mao. Em 1993, P. José Chemparathy SDB, que administrava a missão de Harmutty, abriu uma Don Bosco School na capital, Itanagar. Tiveram que suportar, nos primeiros anos, indizíveis maus tratos mas, corajosamente, resolveram a situação. Recentemente, com a aproximação de outras pessoas, abriram novos centros. O resultado de tudo isso é que atualmente no Estado de Arunachal a religião católica é parte integrante da existência das tribos e o carisma de Dom Bosco é o aspecto fundamental da vida de todos os dias.

Os ex-alunos da Don Bosco School recobrem encargos de prestígio no aparato do Estado tanto em âmbito político quanto administrativo. Per-

cebe-se, ainda, uma contínua busca da presença salesiana. “Vêm-me lágrimas aos olhos quando vejo jovens tão capazes e preparados. Como me agradaria se Dom Bosco viesse à nossa região e pudesse fazer a mesma coisa”, dizia com desagrado Tasin Ngusso, comissário de polícia da região de Tirap, quando assistiu em 1995 uma função com os jovens da Don Bosco School de Borduria (ele pertencia a uma tribo de outra região). “Devo dizer que sou orgulhoso de ter estudado na Don Bosco School e ter entendido que somente com grupos empenhados como estes o nosso Estado poderá se desenvolver”, declarou Mukut Mithi, Primeiro Ministro de Bordumsa em novembro de 2002. “Já que sou católico e ex-aluno da Don Bosco School, ninguém tem a ser abandonado a si mesmo; devemos todos saber que também Dom Bosco tem um lugar em Arunachal” afirmou Sanjy Takam, Ministro da Instrução enquanto falava à Don Bosco School de Palin, sua cidade natal.



Gaudium et Spes - Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II

41 A Igreja procura ajudar os seres humanos

O Evangelho de Cristo, de fato, anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus, rejeitando toda servidão decorrente, em última análise, do pecado, leva ao respeito sagrado da consciência e da liberdade, induz a colocar a serviço de Deus e em favor dos outros todos os talentos humanos, recomendando a todos, acima de tudo, o amor. [...]

42 A Igreja procura ajudar a sociedade

[...] De fato, a força que a

Igreja pode dar à sociedade vem do vigor da fé e do amor. Resulta da vida, não de qualquer domínio externo que possa exercer, servindo-se de meios puramente humanos. Por sua natureza e missão, a Igreja não está vinculada a nenhuma forma de cultura nem a nenhum sistema político, econômico ou social. Graças à sua universalidade, porém, estabelece um laço estreitíssimo de união entre as diversas comunidades e nações humanas, desde que nela confiem e lhe reconheçam a plena liberdade de ação. Por isso a Igreja acon-

selha não apenas aos seus filhos, mas a todos os seres humanos, que superem as dissensões entre nações e raças, passando a viver num espírito familiar de filhos de Deus, que consolidará internamente todas as justas associações entre os homens. O Concílio considera com todo respeito tudo que há de verdadeiro, de bom e de justo nas mais diversas instituições sociais. Declara que a Igreja quer ajudar e promover todas essas instituições, no que dela dependa e que tenha relação com a sua missão [...]

Populorum Progressio - Encíclica de Paulo VI, 1967

12 A obra dos missionários

Fiel ao ensinamento e a exemplo do seu divino Fundador, que colocava "o anúncio da boa nova aos pobres" (cf. Lc 7,22) como sinal da sua missão, a Igreja jamais descuidou de promover a elevação humana dos povos aos quais levava a fé em Cristo. Seus missionários construí-



ram, junto com igrejas, centros de assistência e hospitais, também escolas e universidades. Ensinando aos indígenas o modo de tirar o melhor proveito de seus recursos naturais, protegeram-nos muitas vezes da avidez dos estrangeiros. **Sua obra, sem dúvida, por aquilo que nela há de humano, não foi perfeita, e pode acontecer que alguns misturassem ao anúncio da autêntica mensagem evangélica, muitos modos de pensar e de viver, próprios do seu país de origem.** Mas souberam, também, cultivar as instituições locais e promovê-las. Em várias regiões, eles foram os pioneiros do progresso material como do desenvolvimento cultural. Baste recordar o exemplo do





P. Carlos de Foucauld, que foi julgado digno de ser chamado, pela sua caridade, "irmão universal", e ao qual se deve a compilação de um precioso dicionário da língua

tuareg. É dever nosso homenagear estes precursores muitas vezes ignorados, homens levados pela caridade de Cristo, assim como seus êmulos e sucessores, que continuam a estar, ainda hoje, a serviço daqueles que evangelizam.

DMS 2004 **7**

Redemptor Hominis - Encíclica de João Paulo II, 1979

12 Missão da Igreja e liberdade do homem

Jesus Cristo vai ao encontro do homem de todas as épocas, também da nossa época, segundo suas próprias palavras: "conhecereis a verdade, e a verdade vos tornará livres". Estas palavras encerram em si uma exigência fundamental e, ao mesmo tempo, uma advertência: a exigência de uma relação honesta para com a verdade, como condição da liberdade autêntica; e a adver-

tência, ademais, para que seja evitada qualquer verdade aparente, qualquer liberdade superficial e unilateral, qualquer liberdade que não compreenda cabalmente a verdade sobre o homem e sobre o mundo. Ainda hoje, depois de dois mil anos, Cristo continua a se nos mostrar como Aquele que traz ao homem a liberdade baseada na verdade, Aquele que liberta o homem daquilo que limita,



diminui e como que despedaça essa liberdade nas próprias raízes, na alma do homem, no seu coração e na sua consciência. Que estupenda confirmação deram disto, e não cessam de dar, aqueles que, graças a Cristo e em Cristo, alcançaram a verdadeira liberdade e a manifestaram até mesmo em condições de constrangimento exterior!

Ecclesia in Asia - Exortação Apostólica de João Paulo II, 1999

21 [...] No processo de encontro entre as diversas culturas do mundo, a Igreja não transmite apenas as suas verdades e os seus valores, renovando as culturas a partir do seu interior, mas também tira delas os elementos positivos já presentes.

Este é o caminho obrigatório dos evangelizadores ao apresentar a fé cristã e ao fazer com que faça parte da bagagem cultural de um povo e, por outro lado, as diversas culturas, quando são purificadas e renovadas à luz do Evangelho, podem tornar-se expressões verdadeiras da única fé cristã [...].



Catecismo da Igreja Católica

842 A ligação da Igreja com as religiões não cristãs é, antes de tudo o da comunhão original e do fim comum do gênero humano: “De fato, todos os povos formam uma só comunidade. Eles têm uma só origem, pois Deus fez o gênero humano habitar em toda a face da terra; eles têm também um só fim último, Deus, cuja providência, testemunho de bondade e plano de salvação se estendem a todos, até que os eleitos sejam reunidos na cidade santa”.

843 A Igreja reconhece nas outras religiões a busca, ainda “nas sombras e nas imagens”, de um Deus desconhecido, mas próximo, pois é ele que a todos dá vida, respiro e tudo o mais, e quer que todos os homens sejam salvos.

A Igreja considera, portanto, tudo o que se encontra de bom e de verdadeiro nas religiões como uma preparação ao Evangelho, “e como dado por aquele que ilumina todos os homens, para que tenham finalmente a vida”.

844 Ao longo de seu comportamento religioso, porém, os homens mostram ainda limites

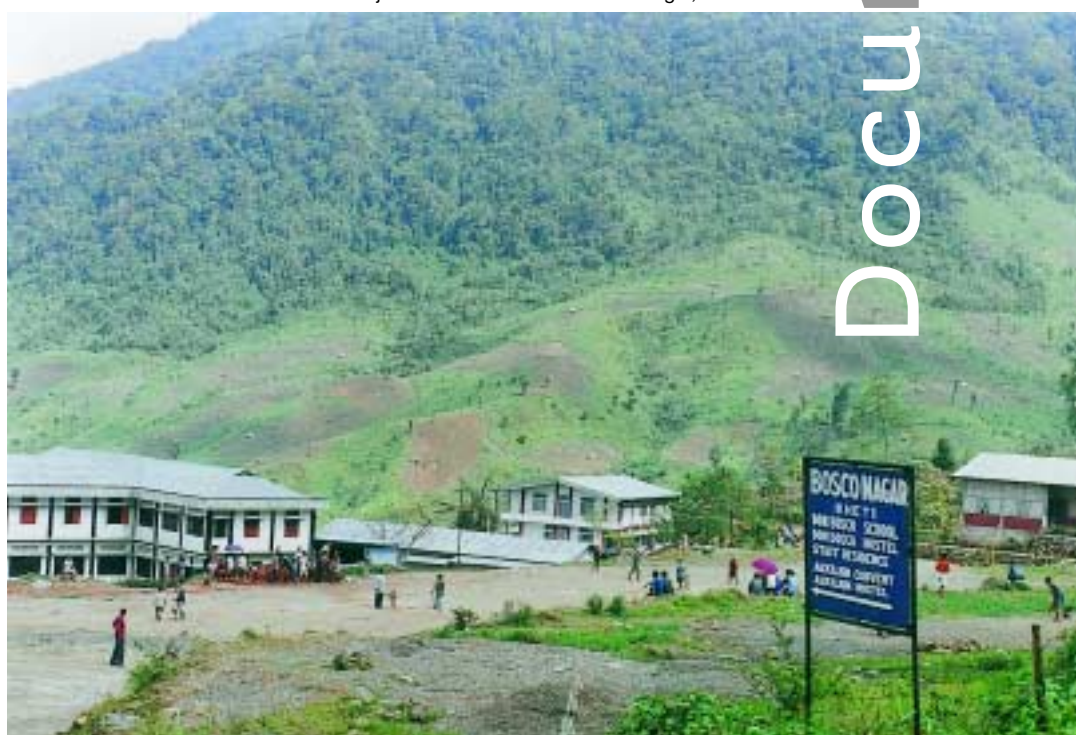
e erros que desfiguram a imagem de Deus: “Os homens, muitas vezes enganados pelo maligno, deliraram em seus raciocínios e, com a mentira, alteraram a verdade divina, servindo à criatura mais do que ao Criador, ou vivendo e morrendo sem Deus neste mundo, ficam expostos à condenação eterna”.

845 Justamente para reunir de novo todos os seus filhos, dispersos e desviados pelo pecado, o Pai quis convocar toda a humanidade para a Igreja de seu Filho. A Igreja é o lugar onde a humanidade deve reencontrar a unidade e

a salvação. É o “mundo reconciliado”. É a nave que, “*pleno dominicae crucis velo Sancti Spiritus flatu in hoc bene navigat mundo* – abertas as velas da cruz do Senhor ao sopro do Espírito Santo, navega segura neste mundo”; segundo uma outra imagem, cara aos Padres da Igreja, é a arca de Noé, a única que salva do dilúvio.

853 Também neste nosso tempo, porém, a Igreja bem sabe “o quão distantes estão entre si a mensagem que ela traz e a fraqueza humana daqueles aos quais é confiado o Evangelho”. Apenas aplicando-se incessan-

O conjunto dos edifícios da Bosco Nagar, Kheti



temente “à penitência e à renovação” e “caminhando pelo estreito caminho da cruz”, o povo de Deus pode dilatar o reino de Cristo. De fato, “como Cristo realizou a sua obra de redenção através da pobreza e das perseguições, assim também a Igreja é chamada a tomar o mesmo caminho para comunicar aos homens os frutos da salvação”.

854 Através da missão que lhe é própria, a Igreja “caminha com toda a humanidade e experimenta com o mundo a mesma sorte terrena, e é como que o fermento e alma da sociedade humana, destinada a renovar-se em Cristo e a transformar-se em família de Deus”. O empenho missionário exige, portanto, *paciência*.

Tem início com o anúncio do Evangelho aos povos e aos grupos que ainda não crêem em Cristo; continua com a constituição de comunidades cristãs, que sejam sinais da presença de Deus no mundo, e com a fundação de Igrejas locais; inicia um processo de inculturação para encarnar o Evangelho nas culturas dos povos; não deixará também de conhecer insucessos. “No que diz respeito aos homens, grupos e povos, apenas gradativamente a Igreja os atinge

e penetra, e os assume assim na plenitude católica”.

855 A missão da Igreja exige esforço em vista da *unidade dos cristãos*. De fato, “as divisões entre os cristãos impedem que a própria Igreja atue a plenitude da catolicidade a si mesma e nos filhos que lhe estão certamente unidos com o Batismo, mas separados da sua plena comunhão. Antes, torna-se difícil à própria Igreja expressar em todos os seus aspectos a plenitude da catolicidade justamente na realidade da vida”.

856 A atividade missionária exige *um diálogo respeitoso* com aqueles que não aceitam ainda o Evangelho.

Os crentes podem tirar proveito deste diálogo para si mesmos, aprendendo a conhecer melhor “tudo o que de verdade e de graça já era possível encontrar, pela presença escondida de Deus em meio aos povos”.

Se, de fato, eles anunciam a Boa Nova àqueles que a ignoram, é para consolidar, completar e elevar a verdade e o bem que Deus difundiu entre os homens e os povos, e para purificá-los do erro e do mal “para a glória de Deus, a confusão do demônio

e a felicidade do homem”.

2044 A fidelidade dos batizados é uma condição fundamental para o anúncio do Evangelho e *para a missão da Igreja no mundo*.

A fim de manifestar diante dos homens a sua força de verdade e de irradiação, a mensagem da salvação deve ser autenticada pelo testemunho de vida dos cristãos. “O testemunho da vida cristã e as boas obras realizadas com espírito sobrenatural têm a força de atrair os homens à fé e a Deus”.

2045 Já que são membros do corpo do qual Cristo é a Cabeça, os cristãos contribuem *para a edificação da Igreja* com a solidez de suas convicções e de seus costumes. A Igreja cresce, desenvolve-se e expande-se mediante a santidade de seus fiéis, até chegarmos todos “ao estado de adultos, à estatura de Cristo em sua plenitude” (Ef 4,13).

2046 Com sua vida segundo Cristo, os cristãos *apressam a vinda do reino de Deus*, do “reino de justiça, de amor e de paz”. Nem por isso descuidam de seus compromissos terrenos; fiéis ao seu Mestre, eles os cumprem com retidão, paciência e amor.



Os Padres e as diferentes culturas

de P. Enrico dal Covolo

1. Qual a atitude assumida pelos cristãos dos primeiros séculos diante da cultura do seu tempo?

Desde os primeiros tempos houve duas atitudes diversas no seio do cristianismo. Uma – de aparente, total recusa – tem a sua expressão mais evidente em alguns representantes do cristianismo africano e siríaco, isto é, nas duas áreas extremas do mundo helenizado.

Tomemos em consideração as célebres exclamações de Tertuliano: “O que há de semelhante”, prorrompe o africano indignado, “entre um filósofo e um cristão, entre um discípulo da Grécia e um discípulo do céu?” (*Apologeticum* 46,18). E ainda Tertuliano se pergunta: “O que há em comum entre Atenas e Jerusalém? O que de comum entre a Academia e a Igreja?” (*De praescriptione haereticorum* 7,9).

Na realidade, o *Apologeticum* de Tertuliano, endereçado às supremas autoridades do império pelo ano 200, revela uma atitude muito complexa diante da cultura e das insti-

tuições de Roma.

Com afirmações positivas e possibilistas, pelo que se falou de Tertuliano como de um precursor da aliança entre cristianismo e império, têm-se, também, expressões semelhantes às citadas – que professam a radical incompatibilidade entre “Atenas e Jerusalém”.



Cristo Pantocrator
Mosteiro do Monte Athos

Em todo caso, a recusa não se refere apenas à filosofia, mas também aos clássicos da literatura, da arte, a maior das profissões e dos trabalhos, compreendidos os dos mestres de escola: numa palavra, toda a cultura e civilização pagã.

A outra atitude, porém, foi de grande abertura, de diálogo crítico e construtivo com a cultura grega. É a atitude iniciada por Justino e desenvolvida pelos Alexandrinos, sobretudo por Clemente. Aqui, não só a cultura grega não é recusada, mas é vista como propedêutica à fé.

A verdadeira linha de demarcação entre o “sim” e o “não” à cultura é muito íntima e geral, e passa através de cada pensador cristão, porque em cada autor convivem como que duas almas: a cristã, cheia de reservas por uma cultura permeada de ideologia pagã, e a grega, que é por ela subjugada.

No conjunto, porém, a Igreja pré-nicena move-se em direção de um acordo entre cultura clássica e anúncio evangélico: “Os cristãos são os filósofos de hoje e os filósofos eram os cristãos de outros tempos”, chega a dizer Minucio Felix (*Octavius* 20,1). Justamente por isso era urgente fundamentar e justificar o recurso à cultura pagã.

Recordemos a teoria do *Logos spermatikós* de Justino. O seu significado é bem conhe-

cido: o Logos, que, na Lei, se manifestou profeticamente (em figura) aos Hebreus, também se manifestou aos Gregos parcialmente sob a forma de sementes de verdade. Ora, conclui Justino, já que o cristianismo é a manifestação histórica e pessoal do Logos em sua totalidade, segue-se daí que “tudo o que de belo (*kalôs*) foi dito por quem quer que seja, pertence a nós, cristãos” (2 *Apolo* 13,4).

Justino, como se vê, formula com muita antecipação a idéia do “cristianismo anônimo”, ou implícito, de que se fala em nossos dias. Sem integralismos radicais, deixando à cultura grega o seu caráter profano e contestando suas insuficiências e contradições, ele encontrou a forma de orientar tudo para Cristo, fundando racionalmente a pretensão de universalidade da religião cristã. Se o antigo testamento tende para Cristo como a figura tende para a própria realização, a verdade grega tende para Cristo e para o Evangelho, como a parte tende a unir-se ao todo.

Eis porque ela não pode se opor à verdade evangélica, e os cristãos podem beber nela

com confiança, como num bem próprio.

2. O que a Igreja das origens pode ensinar aos cristãos de hoje quanto à sua relação com a cultura?

A questão é muito complexa e exige uma resposta articulada.



Orante
Catacumbas da Via Latina

Para acolher a herança e o ensinamento da Igreja antiga é preciso, de fato, superar dois riscos extremos, opostos entre si. Há, de um lado, o risco de quem pretende buscar nas origens cristãs fórmulas idealizadas ou receitas imediatamente utilizáveis no *hoje* da Igreja.

O outro risco é o de quem não está disposto a aceitar o “carisma das origens”.

Quanto a nós, estamos convencidos de que o estudo dos antigos testemunhos cristãos é fonte de discernimento para a Igreja de todos os tempos.

Com efeito, o período das origens – do que Nicéia representa por muitos aspectos um horizonte objetivo – conserva o seu próprio carisma: é o momento em que o depósito da fé apostólica se consolida na tradição da Igreja. É preciso reconhecer, além disso, que a impostação do encontro entre cristianismo e cultura nos primeiros três séculos deu frutos decisivos – a ponto de jamais se poderem esquecer – nos planos da linguagem, da recuperação das diversas culturas e de toda a história, da individualização de uma comum “alma cristã” no mundo e da formulação de novas propostas de convivência humana.

Por isso, o recurso atento e vigilante às origens da Igreja continua muito útil, e até mesmo imprescindível, para compreender e interpretar esta fase, tão rica de fermentos e estímulos sobre as relações entre o evangelho e as culturas do nosso tempo.

CARTA A DIOGNETO

V.¹ Os cristãos, de fato, não se diferenciam dos demais homens [...] ² Eles não habitam em cidades próprias nem falam uma linguagem inusitada; a vida que levam nada tem de estranho. ³ Sua doutrina não é fruto de considerações e elucubrações de pessoas curiosas, nem se fazem promotores, como alguns, de qualquer teoria humana. ⁴ Habitando nas cidades gregas e bárbaras, como coube a cada um, e uniformizando-se aos usos locais no que diz respeito ao vestuário, à alimentação e ao resto da vida cotidiana, mostram o caráter admirável e extraordinário do seu sistema de vida, como todos dizem. ⁵ Habitam na própria pátria, mas como estrangeiros, participam de tudo como cidadãos e tudo suportam como forasteiros; toda terra estrangeira é sua pátria e toda pátria é terra estrangeira. ⁶ Casam-se como todos, geram filhos, mas não expõem os recém-nascidos. ⁷ Têm em comum a mesa, mas não o leito. ⁸ Vivem na carne, mas não vivem segundo a carne. ⁹ Moram na terra mas são cidadãos do céu. ¹⁰ Obedecem às leis estabelecidas, e com sua vida superam as leis.

JUSTINO, I APOLOGIA

XLVI.² Foi-nos ensinado que Cristo é o primogênito de Deus, e já demonstramos que Ele é o Logos do qual foi participante todo o gênero humano. ³ E aqueles que viveram segundo o Logos são cristãos, mesmo tendo sido julgados como ateus, como, entre os gregos, Sócrates e Heráclito e outros como eles [...] ⁴ Dessa forma, também aqueles que nasceram antes e viveram não segundo o Logos, foram malvados e inimigos de Cristo e assassinos de quantos viviam segundo o Logos. Aqueles, porém,

**Alguns Documentos dos Padres da Igreja**

que viveram e vivem segundo o Logos, são cristãos, e impávidos e imperturbáveis.

JUSTINO, II APOLOGIA

VIII.¹ Sabemos que foram odiados e mortos também os seguidores da doutrina estoica – como, de alguma maneira, também os poetas [...] graças à semente do Logos que é inata em toda estirpe humana [...]

X.¹ A nossa doutrina apresenta-se, portanto, como a mais esplêndida de qualquer doutrina humana, porque para nós se manifestou o Logos total, Cristo, que para nós apareceu em corpo, mente, alma. ² De fato, tudo o que filósofos e legisladores retamente enunciaram e encontraram aos poucos, é fruto de pesquisa e especulação, graças a uma parcela de Logos. ³ Mas, uma vez que não conheceram o Logos em sua integridade, que é Cristo, muitas vezes também se contradisseram. ⁴ Os que viveram antes de Cristo e se esforçaram por investigar e indagar sobre as coisas através da razão, segundo as possibilidades humanas, foram arrastados diante dos tribunais como ímpios e muito curiosos. Mais do que qualquer outro, Sócrates, foi acusado das mesmas culpas que se nos imputam [...] ⁶ [...] De fato, em Sócrates ninguém acreditou [...] Em Cristo, ao contrário, conhecido, ao menos em parte, também por Sócrates (Cristo, com efeito, era e é o Logo que está em todas as coisas [...]) acreditaram [...].

XIII.³ Cada um, com efeito, percebendo em parte o que é congênito ao Logos divino espalhado em tudo, formulou teorias corretas [...] Portanto, aquilo que de bom foi expresso por quem quer que seja, pertence a nós cristãos. [...] ⁵ Todos os escritores, através da semente inata do Logos, puderam obscuramente ver a realidade. Mas, uma coisa é a semente e a imitação, [...] outra é a coisa em si [...].

Povos, culturas e novos desafios

por *Andrea Sartori*



ALGUNS ACENOS DE ANTROPOLOGIA CULTURAL

Embora no terceiro milênio, encontramos-nos diante de velhos problemas e novos desafios. Aquilo que antes era normal, agora já não o é; o que era absoluto agora é considerado relativo.

O mundo que conhecíamos e que nos tinha plasmado era aquele “pequeno mundo” construído pela nossa aldeia, pelo bairro ou pelo centro habitado em que crescemos.

O mundo em que vivíamos, hoje supera e faz esquecer os antigos limites que também tinham dado uma marca definitiva à nossa identidade pessoal e coletiva na qual bebíamos para deduzir nossos valores.

Valores. Sim, tudo parte daqui.

Um grupo de indivíduos reconhece como justa uma determinada ação, um determinado conceito. Ao redor desse reconhecimento coletivo nasce um consenso; esse consenso, que determina um “como nós” e um “diverso de nós”, gera o valor do mesmo conceito. E assim temos “justiça”, “direito”, “liberdade” vividos como valores fundamentais e não mais como conceitos abstratos.

É a partir desses valores que, depois, são gerados os direitos, isto é, aquilo que todo grupo tem como imprescindíveis e irrenunciáveis, e que influenciam o direito e a legislação decorrente. Este processo, que parece complicadíssimo, mas que na realidade é totalmente natural e espontâneo, está na base daquilo que se chama “cultura” de um grupo de indivíduos.

A cultura é o conjunto de valores ao redor dos quais um determinado grupo de pessoas, que chamamos de “povo”, reconhece e assume como fundamentais na própria existência.

Daí deriva necessariamente a elaboração de conceitos como “interno” e “externo”, “próximo” e “distante”, “identidade” e “alteridade”.

O que distingue os povos entre si é a diversa identidade cultural à qual se referem.

O DIVERSO

Ao julgar a realidade e os acontecimentos é espontâneo aplicar os nossos valores e categorias como se fossem os únicos capazes de explicar a vida que corre ao nosso redor. E, quando passamos a conhecer que alguém interpreta a mesma realidade segundo filtros culturais diferentes, começamos a classificar a sua interpretação como “mais” ou “menos” em relação à nossa. E dizemos que eles são “mais” ou “menos” naturais, “mais” ou “menos” livres, etc. O ponto de referência, porém, permanece sempre a nossa cultura, da qual em todo caso não podemos e não devemos prescindir.

Essa atitude, se por um lado preserva a nossa identidade cultural, por outro poderia levar a perigosos preconceitos derivantes do fato de ter assumido o nosso esquema como imutável e medida assiomática de comparação.



O passo seguinte deveria ser o de não mais classificar tudo o que vemos com as duas categorias do “mais” e do “menos” mas de educar-nos a utilizar a categoria do “diverso”, antropologicamente muito mais correta.

Alguns povos podem ser mais ricos economicamente, outros mais desenvolvidos tecnologicamente, mas culturalmente todos os povos são diversos.

O mundo, visto nessa ótica, é um mosaico de identidades culturais.

IDENTIDADE PLANETÁRIA DE TODA CULTURA

O mundo de hoje, porém, não é o “pequeno mundo” do qual partimos. Os espaços se contraem, as notícias fazem parecer tudo à mão, eventos globais levam a reações às vezes globalizantes, reações que nos levam a dividir o mundo em “quem está conosco” e “quem é contra nós”, sem considerar todas as possíveis articulações intermediárias.

As culturas de hoje vêem-se diante da dificuldade, e, ao mesmo tempo, do desafio de reformular as categorias de próximo/distante, interno/externo, específico/universal, idêntico/outro, sem absolutizar os próprios valores culturais e sem relativizá-los excessivamente, evitando centralismos presunçosos, mas conservando a identidade.

O desafio, portanto, é elaborar uma nova identidade planetária que possa ser expressa através das várias identidades culturais.

E estaremos, então, não diante de uma cultura planetária, mas de muitas culturas que têm uma identidade planetária que interagem entre si e que serão capazes de elabo-

rar, de modo novo, identidade e alteridade, especificidade e universalidade.

Também o cristianismo deve inevitavelmente confrontar-se com um cenário cultural em rápida evolução. O anúncio de uma Boa Nova, que é para todos, deve ser capaz de entrar dentro da vida de todos para fazer emergir a Vida que é para todos. É o que chamamos de inculturação do Evangelho. É reviver a experiência mesma da Encarnação de Deus que, para encontrar-nos, assumiu todos os nossos esquemas, biológicos e culturais.

Trata-se, no fundo, de tornar viva a palavra do profeta Isaias: “Sobre o monte Sião, o Senhor do universo vai preparar um banquete, preparado com ricas comidas e vinhos preciosos, para todas as nações do mundo. Improvisamente, nesta montanha, fará desaparecer o véu que cobria todos os povos”.

Podemos pensar que este véu seja a presunção intrínseca a cada cultura pela qual as próprias respostas são mais verdadeiras e mais justas, e o desaparecimento deste véu seja a queda das barreiras culturais que ainda impedem um verdadeiro crescimento na reciprocidade.



Cultura e evangelização*

pele Arcebispo Dom Thomas Menampampil

Um estudo dos valores tribais

O termo "cultura" pode ter vários significados. Compreende os costumes que caracterizam um grupo social, a herança de uma determinada comunidade, significados, valores, regulamentos, ações e relações, crenças, leis, tradições e instituições, religiões, ritos, idiomas, canções, danças, festas, estilos de vida, artesanato, apetrechos, etc. de uma sociedade.

A minha definição do termo "cultura" colhe um pouco todos os significados mencionados acima, mas preferiria utilizar esta palavra, no presente contexto, primeiramente em referência aos traços característicos de uma comunidade ou aos valores e tradições através dos quais se exprime a alma e o caráter profundo de um povo.

A alma de uma comunidade

Como nos podemos aproximar da alma de uma comunidade? Como é possível identificar o seu ser profundo? *A alma de um povo é revelada antes de tudo pelos valores nos quais crê.* É verdade que a natureza humana é idêntica

em qualquer raça e comunidade; do mesmo modo, porém, que os indivíduos têm preferências e preconceitos, as comunidades têm prioridades, orientações mentais, interesses, temores, ambições e aversões. Possuem portanto uma visão própria do mundo e uma mentalidade própria.

Trabalhando na região nordeste da Índia, desejo apresentar a cultura tribal com suas características.

Diversidades culturais

Quando nos referimos a culturas tribais, somos inclinados a pensar que sejam perfeitamente idênticas onde quer que se encontrem. Não poderia existir erro maior. *Uma cul-*

tura tribal diferencia-se de uma outra assim como acontece para uma civilização.

Não podemos negar, contudo, que as culturas tribais tenham muitas características em comum, algumas das quais nos preparamos para examinar em profundidade.

No centro, a comunidade

Na sociedade tribal tudo é feito em comunidade. Os programas são desenhados durante os encontros coletivos da aldeia nos quais tudo se discute chegando-se às decisões com o consenso geral. Qualquer indivíduo tem o direito de exprimir a própria opinião sobre qualquer assunto, quer se trate da derrubada de árvores, da sementeira

A igreja de Rajanagar



* Trechos tirados de Thomas Menampampil, "Thoughts on Evangelization", cap. III

ou da colheita, da imposição de multas ou da declaração de tabu.

Alguns desses encontros de aldeia são comparáveis a um verdadeiro e próprio parlamento. Através do intercâmbio recíproco, a comunidade consegue pensar junto, buscar e encontrar soluções comuns. Conseqüentemente, as decisões tomadas no interior da comunidade têm uma tal força e validade que qualquer voz dissonante, sobretudo quando vinda de fora, não pode ser aceita.

A orientação comunitária faz com que os povos tribais prefiram rituais religiosos de tipo coletivo. Um *Jingiaseng* ou um *Sabha* encontrarão muito mais interesse numa hora de meditação individual. Encontros, congressos e jubileus, assim como as festividades e solenidades, represen-

tam grandes atrações e são, portanto, muito populares. Será, portanto, fácil organizar acampamentos, conferências, associações e grupos de oração.

Esforço maior será necessário, porém, para transmitir o hábito da oração pessoal e familiar, para difundir no indivíduo a necessidade de buscar um guia espiritual e fazer-lhe entender a importância de se construírem convicções pessoais.

A dimensão social da propriedade privada

A sociedade tribal reconhece o direito à propriedade privada, mas não se trata de um direito absoluto. A comunidade goza, de fato, de alguns direitos sobre a terra de propriedade individual ou familiar; tais direitos variam de tribo para tribo e podem ser: direito de

passagem, direito de recolher água, de cortar bambu, de colher um fruto ou, até mesmo, direito de utilizá-la parcialmente, se esta estiver inutilizada.

Frases tipo "Proibido ultrapassar", "Cuidado com o cão" ou "Proibido o ingresso" não têm qualquer significado numa sociedade tribal.

A mais bela virtude tribal é o desejo de partilha. O que pode ser economizado deve ser compartilhado. Na sociedade tribal tradicional, a estação da abundância é a estação da colheita. Não falta generosidade nesse período. As festas e celebrações do período indicam a vontade do indivíduo de compartilhar com o resto da comunidade aquilo que tem em excesso ou o que crê que tenha em excesso.

Assim sendo, na sociedade tribal há o risco de se ter pouca evidência, mas ao mesmo tempo, não existem mendicantes, indigentes ou pessoas abandonadas. O forte desejo de partilha do membro da sociedade tribal torna-o extremamente hospitaleiro mas, ao mesmo tempo, faz com que não tenha sucesso nos negócios.

Uma lei importante na partilha: o homem realmente necessitado tem um direito que deve ser respeitado.



Como dito anteriormente, a propriedade individual da terra nunca é total; do mesmo modo, não é imediata a sua separação em relação a ela e, por isso, os indivíduos têm pretensões sobre a terra dos outros.

Na sociedade tribal estas normas foram desenvolvidas para proteger os fracos e os pobres enquanto os ricos e poderosos jamais poderiam acumular muita terra nas próprias mãos, como acontece nas sociedades não-tribais e, do mesmo modo, os fracos não haveriam de perder o que possuísem.

Sentido de igualdade

Já vimos anteriormente como as sociedades tribais diferem umas das outras, algumas absolutamente democráticas e outras que tendem à monarquia; não há dúvidas, porém, de que os valores democráticos dominam a vida tribal em seu conjunto. Nas discussões comunitárias, cada um pode exprimir a própria opinião, que é sempre levada em conta; há o reconhecimento geral da dignidade de uma pessoa, rica ou pobre, muito dotada ou limitada; as mulheres são consideradas com paridade em relação aos homens; as crianças são tratadas como pequenos adultos e, em vez de serem repreendidas ou puni-

das, são persuadidas e orientadas.

Ninguém é tratado como uma "não entidade", marginalizado ou ignorado como acontece com freqüência nas sociedades mais sofisticadas. Uma tribo é como se fosse realmente uma família alargada onde uma pessoa recebe todas as atenções e cuidados que receberia em família. Nessa atmosfera, *o indivíduo adquire um sentido de respeito por si próprio, e até o agricultor analfabeto está consciente da própria dignidade*, não teme aproximar-se dos demais e faz suas afirmações sem embaraços, movendo-se entre as pessoas com grande familiaridade.

A antiga sociedade tribal não aceitava o acúmulo de riqueza nas mãos de poucos; se alguém se tornasse rico deveria buscar reconhecimentos es-

peciais através de festas muito custosas (por exemplo, oferecendo arroz a toda a aldeia), que lhe teria conferido o reconhecimento buscado, mas o teria tornado novamente pobre como os demais. A comunidade tribal, em geral, evitava que surgissem classes dominantes ou classes submissas e, portanto, os relativos complexos de superioridade/inferioridade. Nos tempos modernos, contudo, a situação foi-se mudando rapidamente.

Honestidade

A honestidade é um valor absoluto na sociedade tribal. Nella, as portas das habitações não eram fechadas pois não se temiam os furtos. Os celeiros, que com freqüência estavam fora da aldeia pelo temor dos incêndios, jamais eram assaltados. A propriedade alheia era considerada



sagrada: se alguém tivesse cortado um bambu, deixando-o pelo caminho para pegá-lo mais tarde, tê-lo-ia encontrado no mesmo lugar.

Este sentido de honestidade custa caro aos povos tribais no momento em que entram em contato com a sociedade externa. Não conseguem entender, de fato, como um indivíduo possa aproveitar-se do seu próximo.

A dignidade do trabalho

A principal preocupação de uma comunidade tribal é o "trabalho", normalmente nos campos.

Diversamente das sociedades de classes, não existe grupo ou indivíduo que não trabalhe enquanto não existe trabalho que fira a dignidade de alguém. Ninguém tem medo de sujar as mãos e o trabalho de grupo é um prazer.

A vida tribal inteira é construída ao redor do ritmo do trabalho de acordo com a estação.

Não existe na aldeia alguém que seja preguiçoso na estação da sementeira ou da colheita. Em algumas tribos, até os estudantes universitários e os líderes políticos estão prontos para dar a própria contribuição nos campos, caso estejam na aldeia durante a estação de trabalho.

O amor dos pais pelos filhos

Os pais, nas sociedades tribais, tratam seus filhos como jovens adultos. Convencem-nos e os fazem raciocinar sem jamais forçá-los à sua vontade. Dão motivos para convencer e não impõem castigos para obrigá-los.

Esse modo de relacionar-se pode parecer frágil para alguém de fora da sociedade tribal, mas pode ser mais pedagógico e cristão do que outros métodos. O poder persuasivo do amor não deve ser subestimado. Os pais na sociedade tribal conseguem comunicar-se com seus filhos de modo invejável e obtêm a maior parte do que querem.

O respeito pelos anciãos

A norma suprema na sociedade tribal é a sabedoria dos anciãos.

As pessoas mais velhas são respeitadas e suas opiniões levadas em grande consideração. Se faltarem as persuasões pessoais, pode-se apelar à sabedoria dos membros mais velhos da comunidade e pedir-lhes ajuda, e tudo pode funcionar como por magia.

Conclusões

Limitei-me ao estudo da responsabilidade do educador na execução da própria missão, de modo que seja coerente

com o ser íntimo da população tribal e do seu dever de preservar e reforçar os genuínos valores tribais, que têm validade permanente. Isso porque quando salvaste a alma da comunidade, salvaste tudo.

Quando uma tribo é educada a partir de seu interior, educam-se todos os níveis e dimensões da sua cultura.

As canções tornam-se hinos de louvor ao Senhor; a arte e as formas artísticas refletem a alegria de Deus; as estruturas sociais e as relações em nível de família e de comunidade tornam-se dignas da família de Deus; as leis, as tradições e as práticas encarnam os valores éticos.

Esse modo de educar inaugura o dia em que se realizará a profecia de Jeremias: "Esta será a aliança que concluirei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: porei a minha lei no seu espírito, haverei de escrevê-la no seu coração. Então, eu serei o seu Deus e ele o meu povo. Não deverão mais se instruir uns aos outros, dizendo: reconhecei o Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior, diz o Senhor; pois eu perdoarei a sua iniquidade e não me recordarei mais do seu pecado" (Jeremias 31,33-34).